

# MIGRAÇÃO E DUPLO DESLOCAMENTO: A DESCONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE LAR EM “COMING HOME”, DE JUNE HENFREY

*MIGRATION AND DOUBLE DISPLACEMENT:  
THE DECONSTRUCTION OF THE CONCEPT OF  
HOME IN JUNE HENFREY'S "COMING HOME"*

Viviane Catarina Marconato Stringhini<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho tem por objetivo discutir a problematização do conceito de lar proveniente do processo migratório tendo como *corpus* o conto “Coming Home”, derradeiro conto da coletânea homônima de June Henfrey, *Coming Home* (1994). Para tanto, inicialmente enfatiza-se a importância da diáspora na formação do Caribe, e reflete-se sobre a imaginação diaspórica. A seguir, analisa-se a experiência de deslocamento da protagonista, em Barbados e na Inglaterra, resultado da sua experiência de migração à metrópole e retorno à (ex)colônia.

**Palavras-chave:** literatura anglo-caribenha; deslocamento; migração; identidade; lar.

**ABSTRACT:** This essay aims at discussing the interrogation of the concept of home which originates from migratory processes, and has as its corpus the short story “Coming Home”, the last one in June Henfrey’s homonymous short story collection, *Coming Home* (1994). To this aim, the importance of the diaspora in Caribbean formation and the diasporic imagination are initially emphasized. Then, the protagonist’s displacement, both in Barbados and in England, as the result of her migratory experience to the English metropolis and her return to her home colony, is analysed.

**Keywords:** Anglo-Caribbean literature; displacement; migration; identity; home.

## INTRODUÇÃO

A migração e o significado da identidade na diáspora têm estado entre os temas dominantes da literatura caribenha contemporânea. Afinal, exterminados os habitantes nativos, a população do Caribe é constituída em sua totalidade pelos descendentes de migrantes europeus, escravos africanos e trabalhadores asiáticos. Entre os primeiros, contam-se mercadores, aventureiros, soldados e marinheiros, e populações deslocadas, como judeus sefaraditas expulsos da Espanha e Portugal e monarquistas franceses e espanhóis. Depois que a escravatura foi abolida em 1834,

---

<sup>1</sup> URI – Frederico Westphalen, Mestre em Literatura Comparada, docente na Escola de Ensino Médio da URI. E-mail: vivistringhi@hotmail.com

os senhores de terra buscaram mão de obra entre os portugueses da Ilha da madeira, asiáticos e chineses, que vinham especialmente na qualidade de trabalhadores contratados (*indentured*), que recebiam a passagem, e promessa de terras uma vez que seu período contratual se encerrasse. Registre-se, ainda, que os caribenhos têm-se configurado, também, como uma população migratória, que tem se deslocado, principalmente, para as Américas (Central do Sul e do Norte), bem como para a Europa, mormente para suas ex-métropoles coloniais.

Em “Coming Home”, June Henfrey apresenta a migração como tema central. Analisa-se, neste estudo, a trajetória da protagonista Hilda, em seu deslocamento entre Barbados e a Inglaterra, e em seu retorno para o país de origem. Estuda-se o duplo deslocamento por que a personagem passa, pouco à vontade tanto na metrópole quanto na volta a seu país natal, que difere daquele que deixara anos antes.

O movimento diaspórico vivido pela protagonista instiga questionamentos: como é narrada a experiência de deslocamento, a construção de um lar (dimensão privada) fora do lar (dimensão pública)? Que experiências são rejeitadas e quais levam à marginalização? Assim, o conto oferece privilegiado contexto para a análise da desconstrução do conceito de lar em contextos migratórios, quando o senso de enraizamento, elemento fundamental para a formação do conceito de lar, é extremamente desafiado, e o relacionamento de Hilda com seu país de origem é renegociado.

Como Laura Huttunen (2005, p. 180) observa a propósito de contextos migratórios, para a população migrante, o conceito de lar pode ter muitos pontos de referência no espaço global, porque tal população necessita se adaptar ou negociar novos vínculos e possibilidades de relacionamento com o país de adoção, ainda que não abandone ou esqueça suas origens; ao passado é dado um significado no contexto do presente.

A imaginação literária permite articular uma consciência da diáspora e da nação ao nível das experiências vividas, através das distintas modalidades de migração. Desse modo, cada geração tem abordado ângulos diferentes das questões de lar e exílio, da migração e das identidades diaspóricas, ou da recriação de novas identidades nos contextos dos estados-nação tanto antes como depois da independência política (DAVIES, 2010, p. 751).

A migração para Londres tem produzido ondas de deslocamento, articuladas por elementos de diversas gerações em luta por uma identidade caribenha na diáspora. Para os/as escritores/as da primeira geração diaspórica, que migraram para os centros coloniais da Europa e dos Estados Unidos em busca de reconhecimento, o significado de migrar como sujeito colonial, relacionado a questões acerca da identidade nacional, era uma das preocupações prioritárias. Nesses trabalhos a realidade do racismo no centro colonial e a lógica da rejeição e recriação da identidade em um novo lugar são temas marcantes de suas narrativas, assim como a relação entre lar/pátria e exílio. Em uma geração posterior, a que pertence Henfrey, mormente constituída por escritoras mulheres, meditações acerca da pátria fazem-se paralelas à discussão de problemas de gênero, em romances em que a figura da mulher, a

infância, o processo de envelhecimento são frequentemente tematizados (DAVIES, 2010, p. 754).

“Coming Home” parece ser uma reavaliação da experiência da geração Windrush. Em 22 de junho de 1948, o navio *SS Empire Windrush* aportou em Tilbury Dock, Essex, assinalando o início da migração em massa da população colonial negra no pós-guerra. Após viajar por 8.000 milhas, do Caribe para Londres, 492 passageiros da Jamaica, Trinidad, Tobago e outras ilhas, chegam à “pátria-mãe”, desejando iniciar vida nova na Inglaterra. Foram motivados por um anúncio em um jornal jamaicano, oferecendo transporte barato naquele navio para quem quisesse trabalhar na Grã-Bretanha. Os migrantes, convocados devido à necessidade de trabalhadores não especializados, foram dispersos por todo o país para as áreas em que seu trabalho era necessário: nos fornos e forjas das indústrias transformadoras que foram se expandindo, como porteiros, faxineiros, motoristas e enfermeiros - trabalhos que pagavam tão mal que poucos brancos os queriam.

Diferentemente da migração, em que o sujeito geralmente tem a intenção de fixar-se em um novo espaço, para James Clifford, a linguagem da diáspora está associada ao deslocamento de pessoas que sentem um atrelamento com o lar anterior, o qual deve ser forte o suficiente para resistir ao esquecimento e distanciamento e surge para substituir, ou pelo menos complementar, o discurso de uma minoria. As comunidades diaspóricas transmitem uma forte diferença, constituem um “povo” que mantém suas raízes históricas; vivem, portanto, numa tensão às experiências de viver a localidade, mas relembrar ou desejar outro lugar (CLIFFORD, 1994, p. 310-12). Formas diaspóricas de pertencimento, memória e (des)identificação são compartilhadas por essas populações, que atravessam vastos oceanos e barreiras políticas, mas buscam manter os laços com o país de origem, facilitados devido aos modernos meios de comunicação e transporte, que reduzem as distâncias e facilitam o tráfego, legal e ilegal, entre os lugares do mundo (CLIFFORD, 1994, p. 304).

## **1 ENTRE A ESPERANÇA E A DESENGANO: A VIDA NA PÁTRIA-MÃE**

A tensão entre perda e esperança, enraizamento e deslocamento pode ser identificada em várias situações vividas pelas personagens de June Henfrey, analisadas a seguir. Na esperança de prosperar na “pátria-mãe”, Hilda, juntamente com outros jovens, alguns de outras ilhas, embarca numa interminável e úmida viagem até Paddington. Embora tivesse sido maravilhoso reencontrar seu namorado, Linton, uma dúvida surge quando ela toma conhecimento de que o lugar onde ele vive que, além de ser pequeno, é dividido com outras pessoas.

Ao chegar à Inglaterra a jovem, assim como já acontecera com Linton, é acolhida por outros caribenhos que já tinham chegado anteriormente. Em comunidades transnacionais, a família é ampliada, isto é, funciona como uma rede e local de memória que permite manter vivo no exterior um forte senso associativo com

a terra de origem (HALL, 2009, p. 26). Dessa forma, a assistência dada por ilhéus com mais experiência na Inglaterra não somente provê proteção e abrigo, ainda que precários, como é forma de manter forte identificação com as culturas de origem. No conto, o espírito de solidariedade se faz presente, e a divisão do espaço com os outros inquilinos, apesar do desconforto, é o que dá a migrantes como Hilda e Linton a força para viver naquele país e suportar a desilusão, o preconceito e a saudade da sua terra natal. A propósito, recorda-se como a situação vivida pela protagonista faz lembrar algumas das características que William Safran (*apud* CLIFFORD, 1994, p. 304-305) atribui à diáspora: a consciência e solidariedade do grupo, importantemente definidas por relacionamento contínuo com a terra natal, e a crença de que não são e talvez possam ser aceitos no país anfitrião.

Mais tarde, o casal tem filhos e se muda para um lugar maior, mas não consegue desfrutar felicidade naquele país, pois sempre sentem-se estrangeiros, vivendo sob a injustiça, a exclusão e o preconceito. Assim, não têm oportunidade de desenvolverem um sentimento de lar com relação àquele lugar. O sofrimento e a tristeza já fazem parte de seu dia-a-dia. O trabalho de Hilda como faxineira do hospital só lhe permite limpar ao seu redor, nunca lhe dá a oportunidade de sentir a vida com prazer, ao contrário, só vive para trabalhar. Além disso, suporta diariamente o preconceito e a discriminação, ao perceber que as pessoas preferem ficar em pé a sentarem ao seu lado no ônibus. Seu marido, Linton, perde o direito a uma posição melhor no seu trabalho por ser negro, o que o deixa profundamente nervoso e revoltado, contribuindo para se irritar facilmente com os filhos, pois a dor da injustiça remói seus pensamentos.

Para James Clifford (1994, p. 311-312), a percepção da diáspora pode ser constituída positivamente, através de identificação com o mundo político, cultural e histórico – como se dá entre os descendentes de brasileiros e comunidades brasileiras na América, por exemplo - e negativamente, por experiências de discriminação, perda e exclusão. Este último é o caso de Hilda. O preconceito racial presente nas situações diárias vivida pela personagem, seja no ônibus, no trabalho ou nas ruas - quando Hilda juntamente com outra mulher negra quase foi apedrejada por dois garotos brancos, situação essa que a marcou profundamente – deixa-a perplexa. Olhares cheios de censura e malevolência não poderiam deixar de fazê-la sentir-se senão como estranha naquele lugar. Com a atitude dos garotos, Hilda toma consciência de que cria uma ilusão em relação à Inglaterra. Gradualmente, percebe que o trabalho de limpeza no hospital não serviria como trampolim para outras ocupações mais privilegiadas, mas seria uma ocupação permanente, pois naquele país ser faxineira era tudo o que se pensava que ela teria capacidade de fazer, tudo o que lhe era permitido fazer.

Hilda entende que não apenas ela está vivendo num lugar no qual não pode ter segurança, mas toda a sua família. Ela e seu marido preocupam-se com seus filhos, porque não têm esperanças de que com eles as coisas possam ser diferentes. Por isso, sempre lembram sua terra natal, embora para as crianças muitas vezes se tornasse entediante, já que falar sobre Barbados é algo muito distante para eles. No entanto, a Inglaterra, mesmo sendo hostil, não parece causar estranhamento

algum à segunda geração. Ao contrário, não sentem qualquer constrangimento em desconhecer suas origens. Para os pais, tal atitude é desconcertante, porque, em sua experiência, não ser branco naquele país faz diferença, sendo um significante de exclusão e marginalização.

David Sibley explica que espaço e sociedade estão implicados na construção de fronteiras do eu, mas o eu está projetado para dentro da sociedade e do espaço. O eu, o outro e os espaços, ao mesmo tempo em que são criados, são definidos através de projeção e introjeção. As fronteiras da sociedade são continuamente redenhadas para distinguir aqueles que pertencem, e aqueles que, por alguma diferença de cultura, são considerados fora do lugar (SIBLEY, 1999, p. 86; 91). Hilda e sua família são avaliados como diferentes. São negros, não nascidos na Inglaterra, o que os determina como sendo menosprezados e subalternos. O racismo submete-os a um processo de estranhamento.

Zilá Bernd (1994, p. 11) considera que “Em princípio, racismo é a teoria que sustenta a superioridade de certas raças em relação a outras, preconizando ou não a segregação racial ou até mesmo a extinção de determinadas minorias”. De acordo com Homi Bhabha, a diferença do objeto de discriminação é constituída como sendo espontânea, de tal forma que é tornada imediata e simultaneamente visível e natural: “a cor como sinal cultural/político da inferioridade e da degeneração, a pele como sua identidade natural” (BHABHA, 1991, p. 198). No mundo colonial, o africano e o ameríndio estavam no último degrau da escala racista e classista, ou seja, o trabalhador colonizado no contexto da produção capitalista europeia tinha de ser índio, negro ou afrodescendente (BONNICI, 2005, p. 51). Conforme define Thomas Bonnici (2000, p. 70): “o europeu, julgando-se parâmetro de civilização e educação, não apenas estratifica as raças, mas também coloca o outro como diferente e, portanto, não civilizado e sem cultura”. Nesse contexto, percebe-se que a migração levou as populações periféricas para o centro (a metrópole) e restabeleceu a alteridade como elemento constitutivo da identidade.

Hilda descobre, ao ver os filhos crescidos, que envelheceu num lugar do qual não gosta, ficando-lhe claro que em Londres sempre haveria uma relação de poder, uma hierarquia e jamais ela iria construir um espaço em que pudesse buscar uma identificação ou ter o seu espaço cultural. Essa sensação de não pertencimento, de sentir-se deslocada, coloca-a em uma fronteira de diferença, a partir da qual não consegue desenvolver relações de pertinência com o espaço, pois sente-se desconfortável e discriminada.

Essa situação em que a protagonista e sua família vivem traz à mente o pensamento de Dionne Brand, em *A Map to the Door of No Return*, quando fala sobre o efeito alienante e transformador da cidade sobre o migrante:

Origins. A city is not a place of origins. It is a place of transigrations and transmutations. Cities collect people, stray and lost and deliberate arrivants. Origins are rehabilitated and rebuilt here. A torturer in Chile becomes a taxi driver, an English thief becomes a stock hawk,

an Eritrean warlord becomes a bicycle courier. An Indian businessman a security guard, a Hong Kong policeman a waiter, a sixth-generation Ukrainian girl a murderer a teacher from Caribbean a housekeeper, a farmer from Azores a construction worker.

A city is a place where the old migrants transmogrify into citizens with disappeared origins who look at new migrants as if at strangers, forgetting their own flights. And the new migrants remain immigrants until they too can disappear their origins. (BRAND, 2001, p. 62-63).<sup>2</sup>

Hilda, que tinha a intenção de se tornar uma professora ou uma enfermeira, de acordo com o desejo da sua mãe, devido à falta de oportunidade torna-se apenas uma faxineira na grande metrópole. Seu desconforto na Inglaterra cresce e, com a morte de Linton, memórias dolorosas vêm-lhe à mente. Em seguida se aposenta; desperta-se a saudade do seu país de origem. Lembra-se, aqui, a concepção de Bill Aschcroft de que, para a pessoa diaspórica, “lar” difere de “lugar”, pois não está, geralmente, associado a um conceito espacial. Sua concepção está profundamente arraigada na memória, muitas vezes em uma “comunidade imaginada”, longe no tempo e no espaço, e associada a um sentimento de perda compartilhado com outros. Refere-se ao poder de sentido de “lar” dentro da psique, um lar ancestral, e também do poder de sua ausência (ASCHCROFT, 2002, p. 155).

Um dos netos de Hilda, Claudette, menina curiosa, faz com que a avó se recorde do passado ao responder seus questionamentos sobre Barbados. As lembranças, renovadas, intensificam seu desejo de retornar à terra natal, da qual lembra como o seu lar. Nas conversas com a neta, rememora sua mãe, a avó, o cuidado e a relação que tinha com ela; não se esquece da parteira Gladys, da vizinhança, do gosto bom do peixe, podendo até sentir o seu tempero.

Uma vez que falta a Hilda a noção de pertencimento, sentindo-se social e espacialmente constrangida, torna-se problemático seu enraizamento em Londres. Se, por um lado, desenvolve familiaridade e conhecimento da metrópole, não tem controle sobre os espaços em que circula e trabalha, e o preconceito dificulta a identificação pessoal com os mesmos. A distância geográfica e afetiva aguça, então, o desejo pelo lar da infância e juventude. Desse modo, pode-se dizer que Hilda não consegue desenvolver em Londres o senso de lar, porque não reconhece nenhuma percepção positiva com o lugar.

---

<sup>2</sup> Origens. A cidade não é um lugar de origens. É um lugar de transmigrações e transmogrificações. As cidades coletam pessoas dispersas e perdidas e recém-chegados que deliberadamente aportaram. As origens são reabilitadas e reconstruídas aqui. Um torturador no Chile se torna um motorista de táxi, um ladrão inglês se torna um camelô, um comandante eritreu se torna um mensageiro de bicicleta. Um indiano de negócios, um guarda de segurança, um policial de Hong Kong um garçom, uma menina ucraniana da sexta geração uma assassina, uma professora do Caribe uma governanta, um fazendeiro de Açores um trabalhador de construção.

Uma cidade é um lugar onde os velhos imigrantes se transmogrifam em cidadãos com suas origens desaparecidas, e olham para os novos imigrantes como se fossem estrangeiros, esquecendo suas próprias fugas. E os novos migrantes permanecem imigrantes até que suas origens possam também desaparecer.

## 2 A REESCRITA DO LAR: DA REMEMORAÇÃO IMAGINATIVA DO PASSADO AO DUPLO DESLOCAMENTO

Segundo Maurice Halbwachs, através das lembranças o sujeito aprende a se situar na história, transportando-se imaginativamente ao passado e relacionando a evocação com o presente. Esses pontos de referência tanto mais fortes serão quanto mais estiveres vinculados a um espaço e tempo compartilhados com um grupo (HALBWACHS, 2006, p. 75-76). Assim, Hilda, através de suas lembranças da pátria natal, mantém o passado vivo, e rememora os laços familiares e os espaços que os abrigaram, a fim de suportar a realidade presente na pátria-mãe. Então, pode-se dizer que o senso de lar está vinculado à memória, e que a rememoração da infância e juventude poderosamente influencia Hilda em seu desejo de retorno a Barbados.

Por outro lado, como Carole Boyce Davies escreve, a migração cria o desejo de possuir um lar, o que, por sua vez, leva à reescrita desse lar. A saudade ou a falta de um espaço físico a que se possa chamar de lar, como na condição “sem teto”, a rejeição do lar ou o intenso desejo por ele podem levar a essa reescritura nostálgica e imaginativa (DAVIES, 1994, p. 113). Afinal, como repetidamente enfatizado, o grau de deslocamento do lar é crescente e diretamente influencia tanto o desejo como a atribuição de sentido a ele (TERKENLI, 1995, p. 327).

No entanto, como Shröder alerta, a nostalgia e a idealização tornam-se perigosas quando usadas na tentativa de localizar o lar em algum lugar no passado, idealizando-o a tal ponto que nunca mais poderá ser alcançado novamente pelo sujeito. Além disso, pensar o lar como um lugar imutável, estático, restrito e fechado, é atribuir-lhe concepção exclusiva e limitada (SHRÖDER, 2006, p. 35). Tais construções de lar tornam-se muitas vezes utópicas, e a noção de retorno é, frequentemente, uma projeção escatológica ou utópica em resposta a uma presente distopia. A alusão ajusta-se perfeitamente ao caso de Hilda, cujos sonhos de uma vida positiva e ideal na Inglaterra estão completamente arrasados. Por outro lado, a idealização da terra de origem pode resultar também em utopia, já que a imagem congelada na mente do migrante ignora possíveis transformações, que podem vir a fazer com que venha a sentir-se deslocado em sua própria terra (SAFRAN *apud* CLIFFORD, 1994, p. 305).

Esse é o desafio da personagem Hilda no momento do retorno a Barbados: a realidade encontrada é confrontada com o conteúdo idealizado, alimentado pela memória e tantas vezes revisitado pelos caminhos da imaginação. Hilda sente-se uma estranha na sua terra natal. Tudo está muito diferente, o que a deixa bastante decepcionada, pois parece desconhecer aquele lugar; inclusive a casa onde viveu não é mais a mesma. Ademais, convém ressaltar que ao migrar para a Inglaterra ela foi num barco cheio de jovens assim como ela, agora retorna de avião, sozinha e aposentada.

Essa situação requer a construção de uma nova identidade. Não é mais possível voltar ao momento anterior à diáspora, da mesma forma que não é mais a mulher exilada numa terra que não reconhece como sua. A identidade da personagem que retorna busca dar conta tanto com os elementos conservados pela memória, como



com as experiências vividas na Inglaterra (constituição da família) e a nova realidade encontrada na terra natal.

Pode-se dizer que tanto na partida quanto no retorno, a protagonista apresenta sentimentos em comum: o da esperança e o da frustração. Em Londres tem esperança de ser bem sucedida e, no Caribe, de reconhecer a sua terra e as pessoas que ali vivem. A decepção a faz conviver com o preconceito e a solidão na pátria-mãe e, no Caribe, leva-a a perder o senso de lar, pois não tem mais domínio e controle sobre o seu espaço, nem laços comunitários e familiares.

Segundo Hilda, voltar é bem diferente de ir, pois como estava tudo tão mudado sentia-se muito mais “caribenha” em Londres do que em Barbados, que não reconhece, tantas são as inovações: bancos na praia, mesas para piquenique, novo caminho para a praia, Shopping Center completo com supermercado, farmácia e loja de roupas, competição com premiação, na Páscoa, da desossa de peixes.

Esse tipo de experiência é comum na vivência do migrante. Ao entrevistar migrantes barbadianos que retornam para o Caribe, Mary Chamberlain percebe que muitos sentem dificuldade em se religar às suas sociedades de origem, pois as mudanças sofridas no espaço lhes dão uma sensação de “não estar em casa”.

Muitos sentem que a “terra” tornou-se irreconhecível. Em contrapartida, são vistos como se os elos naturais e espontâneos que antes possuíam tivessem sido interrompidos por suas experiências diaspóricas. Sentem-se felizes por estar em casa. Mas a história, de alguma forma, interveio irrevogavelmente. (CHAMBERLAIN *apud* HALL, 2009, p. 27).

Pode-se ainda relacionar o desejo de retorno de Hilda para Barbados à metáfora do ninho e da concha, presente na teoria de Gastón Bachelard. Segundo o autor, o ninho, para o pássaro, é uma terna e quente morada. É uma casa de vida (BACHELARD, 1988, p. 169-170). Está associado à imagem de descanso, de tranquilidade e simplicidade; uma “casa” onde se volta ou se sonha voltar como o pássaro volta ao ninho, como o cordeiro volta ao aprisco (BACHELARD, 1988, p. 173-174). Essa volta à terra natal, ao ninho, desencadeia o devaneio da segurança, é um refúgio absoluto, e corresponde a voltar às origens da casa onírica, pois a confiança nesse lugar é inata (BACHELARD, 1988, p. 176-177). A experiência da hostilidade vivida por Hilda leva-a a sonhar em se defender dessa agressividade e desejar contemplar o seu “ninho”: pensa que o bem-estar só poderia ser reencontrado no seu canto do mundo natal.

Curiosamente, descreve a construção original de sua casa em Barbados como se assemelhando a uma concha: “Over the years she had replaced the wood with stone, gradually encasing the original building in an outer shell, in the time-honoured way of the island” (HENFREY, 1994, p. 89)<sup>3</sup>. Assim, pode-se relacionar esse lugar de

<sup>3</sup> [...] Com o passar dos anos ela tinha trocado a madeira por pedra, gradualmente revestindo a construção original com uma concha exterior, da maneira como sempre foi feito na ilha. [...]



morada a um lugar de proteção, onde estão “alojados” o inconsciente e as lembranças da protagonista. A imagem da concha está associada à segurança, como já comentado na análise do conto “*The Gully*”. Contudo, esse lugar de proteção não é vivido por Hilda exclusivamente na casa-concha de Barbados; a paz que a ilha lhe proporciona pode ser comparada aos momentos passados em Londres, quando Hilda transmitia amor, aconchego, proteção e segurança a seus pequenos londrinos, seus netos.

De volta a Barbados, após os momentos iniciais em que vê desfeita a imagem que congelara da ilha, aos poucos Hilda vai se recuperando do seu isolamento, pois conhece Vincent, um homem que também é solitário e começam a construir laços afetivos. A partir de então, além de viver em um território que é seu, num espaço sob o qual tem controle e sente-se segura, não sendo discriminado, encontra em Vincent o relacionamento significativo de que carece. A seu lado, começa a readquirir a sensação de tranquilidade ao vir para casa, não precisando mais se apressar ao caminhar; agora descansa seus membros no calor. Ouve turista falando em inglês na praia, mas não mais necessita temer palavras de desdém a ela dirigidas naquela língua.

Aos poucos, Hilda vai encontrando a alegria de viver, pois consegue reparar as rupturas de sua história pessoal. A retomada de seus vínculos com a comunidade da ilha permite-lhe o desenvolvimento da percepção de lar. Segundo Theano Terkenli (1995, p. 327), uma cidade ou vizinhança representa lar para seus habitantes, porque seus conteúdos contêm representações de si, do grupo e da sua cultura. Logo, esse espaço tem conotações fundamentais que funcionam como referências importantes para o indivíduo, e os relacionamentos desenvolvidos são, também, significativos.

Hilda reconstrói seu espaço, o seu senso de lar, de família estreita. Contudo, afasta-se de Vincent para dedicar todo o seu tempo à neta Claudette, agora com dezesseis anos, que vem para o Caribe para passar suas férias. A jovem se identifica rapidamente com a ilha, admirando suas belezas e fazendo amizade com outros jovens da sua idade. Foram momentos muito importantes vivenciados pelas duas gerações, pois um novo vínculo entre Hilda e Claudette é formado, onde afeto, credibilidade e confiança são ampliados.

Com a partida da adolescente, a avó vive uma solidão que lhe tira a sensação de liberdade que pensava ter encontrado na sua pátria natal, pois percebe que relações significativas constituem um elo muito forte para tornar um lar expressivo. E o seu estava incompleto, pois seus netos e filhos permanecem em Londres e a amizade de Linton fora seriamente comprometida. Assim, a Inglaterra ainda se faz presente nos seus sonhos e não só pelos anos tirados de sua vida, como pela família que lá deixa.

Pode-se dizer que Hilda consegue despertar em Claudette o orgulho pelas suas origens e tradições, através da vivência em Barbados. Talvez agora Claudette consiga compreender sua herança cultural. A carta de agradecimento da neta pelos maravilhosos momentos compartilhados na ilha não demonstra apenas gratidão pelo lazer, mas, também, porque descobre a sua história. Percebe-se, dessa forma, que tanto a neta quanto a avó constroem uma noção de lar, porque ambas têm relações de pertencimento e de identificação bem definidas, controle sobre seu espaço, associando a família, pessoas e amigos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Daniel Miller, o lar não precisa ser o destino da viagem, mas o lugar do qual se parte e para o qual se retorna pelo menos em espírito. Esse retorno é uma viagem simbólica, constitutiva de significado que permitirá ao indivíduo adquirir um senso de história e identidade (MILLER, 2001, p. 88). Nesse sentido, o Caribe constitui-se em lar para Claudete.

O título deste conto, “Coming Home” (Volta ao lar), está relacionado a retorno, e pode ser associado à atitude de Hilda de voltar para o seu lar, para a sua terra natal. Na concepção de Gilroy (2001, p. 21), a diáspora é uma “via de mão dupla”, um movimento de ida e volta ao qual se podem relacionar momentos de melancolia, de incertezas, lembranças, valores culturais e esquecimentos. Tal movimento leva o indivíduo a se adaptar ao novo ambiente, conduzindo-o a uma reflexão acerca de sua identidade, da sua cultura, que é diferente daquele país no qual passa a viver. Assim, o movimento de “ir” está associado tanto à esperança como a decepções; quanto ao “vir”, pode-se conectar ao desejo do encontro da paz, da felicidade, do reencontro com as raízes, embora por vezes, como acontece com Hilda, também possa trazer desilusão.

Para Hilda, o Caribe é o seu ninho, um signo de retorno, que lembra a descrição de Bachelard (1988, p. 173-174) da casa-ninho:

A casa-ninho nunca é nova. Poder-se ia dizer, de uma maneira pedante, que ela é o lugar natural da função de habitar. A ela se *volta*, ou se sonha voltar, como o pássaro volta ao ninho, como o cordeiro volta ao aprisco. Este signo do *retorno* marca infinitos devaneios, pois os retornos humanos se fazem sobre grande ritmo da vida humana, ritmo que atravessa os anos, que luta contra todas as ausências através do sonho. Sobre as imagens aproximadas do ninho e da casa repercute um componente de íntima fidelidade.

Neste conto, percebe-se que o movimento diaspórico Barbados- Inglaterra afastou Hilda e Linton apenas geograficamente da sua terra natal, pois eles a mantiveram em sua memória. Aliada ao sentimento de “não estar em casa” na Inglaterra, tal fidelidade contribuiu para fortalecer seus elos de pertencimento com Barbados.

Em movimento diaspórico transnacional, Hilda e Linton escolhem ir para a Inglaterra, onde pensam poder prosperar. Ocorre, porém, que a pessoa e/ou grupo diaspórico tem uma cultura própria, que difere da cultura do país que a recebe, tendo, portanto, problemas de adaptação no país hospedeiro, que comparam com seu lugar e cultura de origem, surgindo o sentimento de não pertencer. Hilda idealiza um lar nessa nova pátria, tendo como referência suas experiências na terra natal. Experiências de preconceito social e racial vividas pela protagonista não fornecem uma base sólida para que ela desenvolva a percepção de lar, pois com os sujeitos provenientes de movimentos migratórios há uma problemática em seu relacionamento com o espaço público, especialmente quando há uma classificação entre “nós” e “eles”,

como acontece com Hilda e Linton. Essa diferenciação, fundamental na construção de espaços, faz com que o sujeito sintá-se pertencente ou não a um lugar. Como o casal não se identifica com a pátria-mãe, não sente aquele espaço como seu lar.

O componente social, importante para a dimensão de lar, só é encontrado pela protagonista ao retornar para a pátria natal, porque na Inglaterra esta qualidade está incompleta, já que este país não lhe permite relacionamento com a comunidade britânica. Em Barbados, Hilda encontra valores nacionais, sua identidade cultural, experiências que lhe permitem ter o controle do espaço, atribuindo-lhe segurança. Embora logo ao retornar experimente estranhamento, devido às mudanças sofridas no decorrer do tempo, não deixa de identificar seus vínculos com o lugar e de desejar reconstruir elos familiares, pois reconhece seu lugar de nascimento, o que lhe dá a convicção de pertencimento e de enraizamento ao lugar, associações fundamentais para que o indivíduo reconheça o espaço como seu lar.

## REFERÊNCIAS

- ASHCROFT, Bill. *Post-colonial transformation*. London/New York: Routledge, 2002.
- BACHELARD, Gastón. *O novo espírito científico; A poética do espaço*. Tradução de Remberto Francisco Kuhnen, Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- BAHBHA, Homi K. A questão do “outro”: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p. 177-203.
- BERND, Zilá. *Racismo e anti-racismo*. São Paulo: Moderna, 1994.
- BRAND, Dione. *A Map to The Door of No Return Notes to Belonging*. Canada: Vintage Canada, 2001.
- BONNICI, Thomas. *Conceitos-chave da teoria pós-colonial*. Maringá: Eduem, 2005.
- \_\_\_\_\_. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. Maringá: Eduem, 2000.
- CLIFFORD, James. *Cultural Anthropology*, v. 9, n. 3, p. 302-338, Aug. 1994.
- DAVIES, Carole Boyce. *Black Women Writing and Identity. Migrations of the Subject*. London/New York: Routledge, 1994.
- \_\_\_\_\_. Mulheres caribenhas escrevem a migração e a diáspora. *Estudos Feministas*, Florianópolis, p. 747-763, set./dez. 2010.
- GILROY, Paul. *O Atlântico Negro modernidade e dupla consciência*. São Paulo: 34, 2001.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução de LivSovik. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- HENFREY, June. *Coming Home and Other Stories*. England: Arts Council, 1994.
- HUTTUNEN, Laura. ‘Home’ and ethnicity in the context of war. *European Journal of Cultural Studies*, v. 8, p. 177-195, 2005.

MILLER, Daniel. *Home Possessions*. New York: Berg, 2001.

PHILLIPS, Mike. Windrush - The passengers. In: BBC History. mar. 2011. Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/history/british/modern/windrush\\_01.shtml](http://www.bbc.co.uk/history/british/modern/windrush_01.shtml)>. Acesso em: 28 ago. 2011.

SCHRÖDER, Nicole. *Spaces and Places in Motion*. Spatial Concepts in Contemporary American Literature. GNVU, 2006.

SIBLEY, David. *Geographies of exclusion: society and difference in the west*. New York: Routledge, 1999.

TERKENLI, Theano S. Home as a Region. *Geographical Review*, v. 85, n. 3, p. 324-334, jul. 1995.